



boa
companhia



CARTAS DO PARAÍSO

Direção VERÔNICA_FABRINI

ALEXANDRE_CAETANO | EDUARDO_OSORIO

GUSTAVO_VALEZI | MOACIR_FERRAZ

"É preciso escrever, mesmo que estas linhas estejam condenadas a algum arquivo morto num futuro distante, onde teimam em negar que aqui seja o Éden"

"Tupi or not to be"

"Contra as escleroses urbanas"

"Só a antropofagia nos une"

(Manifesto Antropofágico)



"O povo guarani foi capaz de sonhar a Terra-sem-males. Não foi um 'Céu-sem-males', foi uma Terra-sem-males, a utopia possível!"

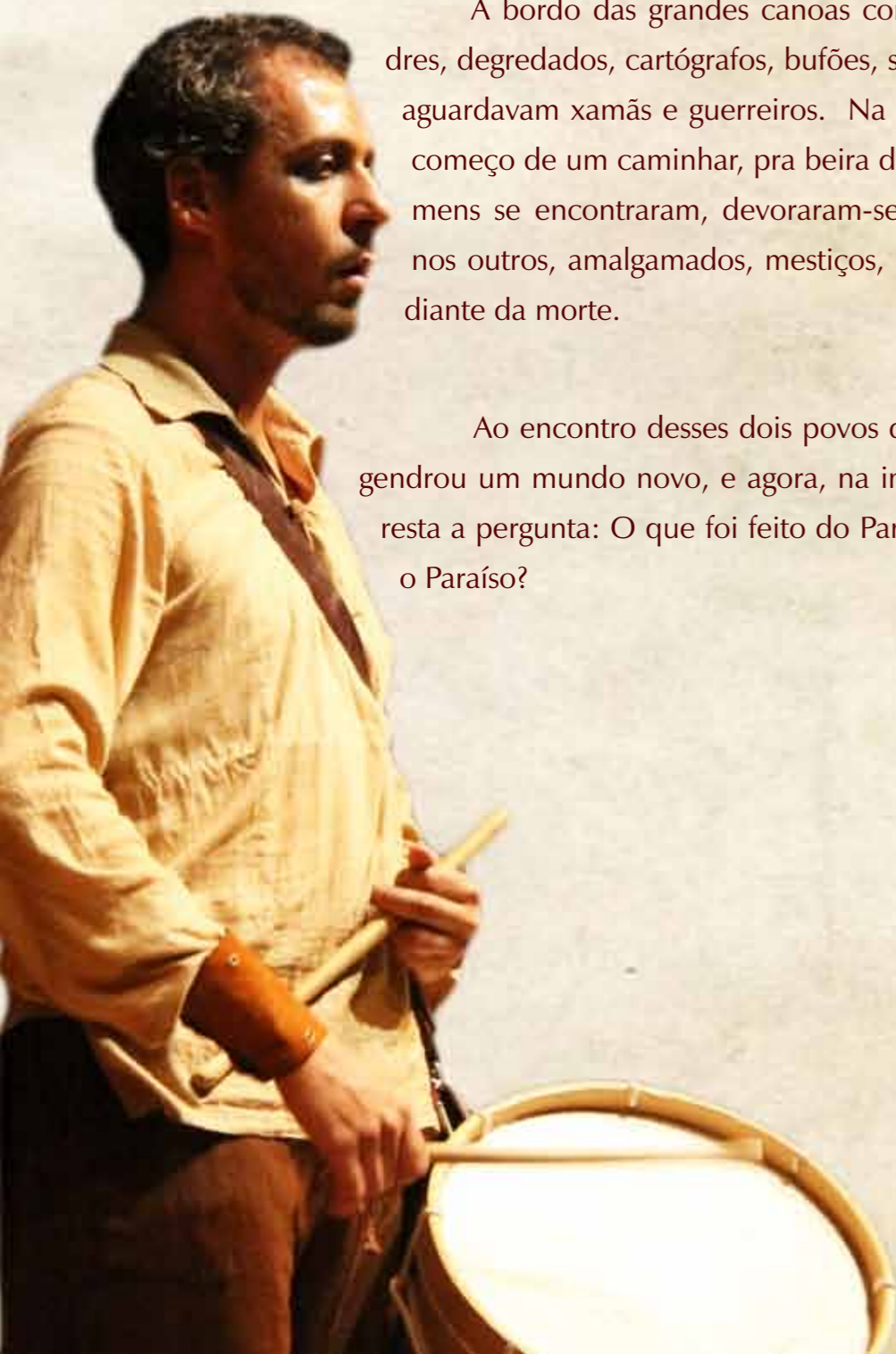
(D. Pedro Casaldàglia)

SINOPSE

Ao final da idade das trevas, acima da Linha do Equador, homens desafiaram o mar tenebroso em busca de novos caminhos, de nova terras, quem sabe, um Paraíso. Abaixo da linha do Equador, outros homens dançavam até seus corpos se tornarem leves e serem levados pelo vento, acima e além das grandes águas para alguma terra sem males, quem sabe, um Paraíso.

A bordo das grandes canoas com asas viajavam padres, degredados, cartógrafos, bufões, soldados. Na praia, os aguardavam xamãs e guerreiros. Na linha branca de areia, começo de um caminhar, pra beira de outro lugar, esses homens se encontraram, devoraram-se, transformaram-se uns nos outros, amalgamados, mestiços, amedrontados e pasmos diante da morte.

Ao encontro desses dois povos de distintos imaginários engendrou um mundo novo, e agora, na iminência de um apocalipse, resta a pergunta: O que foi feito do Paraíso? Alguém sabe onde fica o Paraíso?



CONCEPÇÃO_MUSICAL

Em “Cartas do Paraíso” a música tem papel fundamental: a partir da concepção artística e social da música nos povos europeu e ameríndio, a música trespassa este espetáculo como uma subtrama ou uma rede que sustenta a ação do ator e a não-linearidade dramaturgica.

A partir de sessões musicais regulares e pesquisas de campo os atores desenvolveram práticas musicais contemporâneas aos povos em questão, estando então hábeis na improvisação instrumental e criação musical coletiva, ambas utilizadas na criação das cenas e constituindo parte fundamental nas mesmas.

“Cartas do Paraíso” é envolvida num transe e numa atmosfera onde o desconhecido e impensável pelo homem navegador quinhentista é abordado em imagens, sons e sensações, plenos de música e movimento.

Silas de Oliveira
diretor musical



ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A ENCENAÇÃO

História e Ficção

Apesar do criterioso apoio na pesquisa histórica, Cartas do Paraíso não tem compromisso com nenhuma fidelidade aos fatos. Afinal, o que importa, para o artista, são versões... Porém, todo o material recolhido em livros, artigos e documentos, as viagens à campo, os objetos escolhidos, compõem um caudaloso material com o qual a dramaturgia de cena é tecida, ora com palavras, ora com imagens, ora com sonoridades e, sobretudo, com a irradiação dos corpos.

Seres Ficcionalis

Em cena, não temos personagens no sentido tradicional do termo, mas estados físicos ativados por corporeidades fluidas, porém intensas nos momentos de condensação em figuras cênicas mais precisas. Figuras que surgem como memória e invenção do que pode ter sido um navegador, um jesuíta, um degredado, um gracioso, marinheiros, xamãs ou guerreiros. Como nos trabalhos anteriores da Companhia, tudo começa, tudo brota, tudo passa pelo corpo. Nuvem ou deus, onça ou padre, floresta ou nau. O corpo do ator é o canal principal por onde diferentes texturas tomam vida: o mar tenebroso, a mata, o rio e a infinita linha de areia, limiar entre dois mundos, ponto de junção entre duas imagens de paraíso: a dos índios, além do mar, a dos viajantes, na nova terra.

O Espaço Cênico

O cenário se reduz ao essencial, evocando ao mesmo tempo a concretude da “caixa cênica” e uma nau: madeira, cordas e roldanas que ganham vida e sentido no jogo com os atores. A propósito, nossas leituras nos mostraram que há uma surpreendente irmandade entre fazer navios e construir a maquinaria teatral. Afinal, ambos destinam a viagens. Quatro ventiladores ancoram o personagem invisível do vento, vento que sopra nas velas das naus, vento que carregaria os corpos leves dos índios, rumo à Terra sem Males.

Figurinos

O nu e o vestido são uma diferença fundamental entre os dois conjuntos de figuras cênicas, índios e viajantes. A pele e os tecidos, a pintura e os bordados integram a narrativa de forma que os figurinos acompanham a dinâmica da encenação, sendo parte integrante tanto da ação cênica, quanto do discurso. Mais do que uma referência ou uma tentativa de representação, os figurinos são parte de um comportamento e de um conflito.

Música e Sonoridades

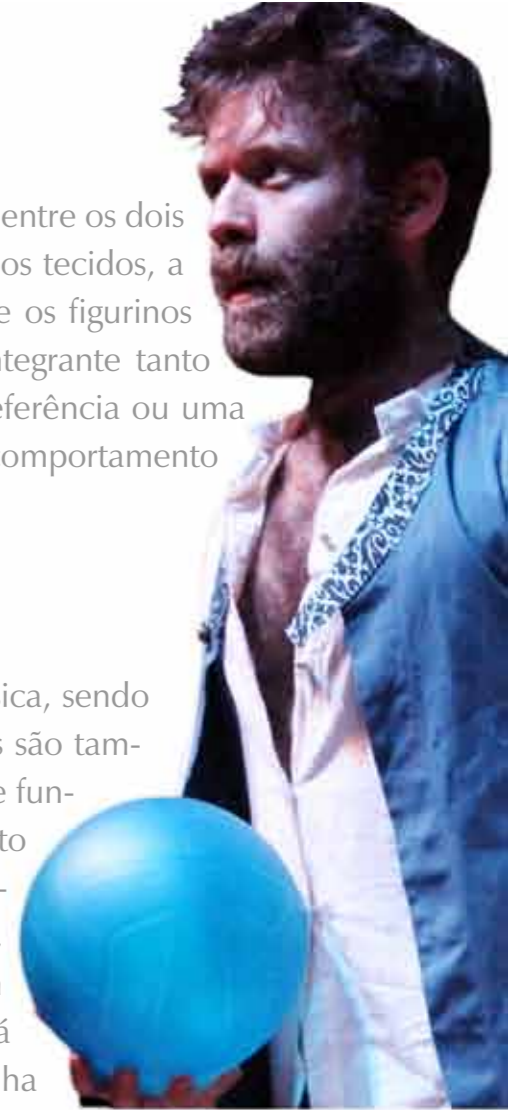
Os atores são responsáveis por boa parte da música, sendo esta realizada ao vivo. Os instrumentos e as composições são também parte do discurso cênico e desempenham importante função na condução da ação cênica, sendo ponto de contato e “conversa” no encontro das duas culturas: flautas barrocas, tambores, flautas de osso, apitos de canto de pássaros, maracás, um violino; o canto gregoriano mescla-se com canções indígenas. Construindo um tecido único que dá suporte a este contraste de sonoridades, há ainda uma trilha gravada onde sons da natureza (mar, vento e trovão) são tecidos com fragmentos da Bachiana número quatro de Villa Lobos.

Imagens

Compondo com o cenário praticamente nu, algumas projeções se derramam ora nas velas das naus, ora no corpo dos atores, ora no chão. São seqüências curtas de imagens, editadas de acordo com o movimento dos atores: nuvens, mar, estrelas, corridas na mata. Em alguns momentos, recortes do Google world counter, nos lembram a velocidade dos nascimentos e mortes, de duração dos recursos naturais, do dinheiro gasto em armamentos.

Enfim, o texto e a palavra

Tece a dramaturgia da peça, fragmentos de cartas, diálogos criados pelos atores em improvisações sobre determinados momentos, falas e diálogos numa suposta língua indígena inventada, uma ou outra citação roubada do Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade, ou de algum livro de história, um fragmento de algum mito indígena.



CARTAS DO PARAÍSO

Direção: VERÔNICA FABRINI

FICHA TÉCNICA

Elenco:

Alexandre Caetano | Eduardo Osorio
Gustavo Valezi | Moacir ferraz

Direção:

Verônica Fabrini

Direção Musical e Trilha Sonora:

Silas Oliveira

Preparação Corporal:

Rafael Barzagli Oliveira

Iluminação:

Eduardo Albergaria

Figurino:

Guilherme Guedes

Projeto Gráfico:

Gustavo Valezi
Alexandre Caetano

Edição Audiovisual:

Gustavo Valezi

Produção:

Cassiane Tomilhero e Erika Cunha

Realização:

Boa Companhia

Duração:

1h15

Indicação Etária:

14 anos

www.boacompanhia.art.br
boa.companhia@terra.com.br
Fone/Fax 19 3288-0267
R. Edna de Barros Sanches, 79,
VI. Santa Izabel, Barão Geraldo,
Campinas, SP, Brasil. 13084-350

